



REVISTA METODISTA FACO ISSN 2764-8567

A INSERÇÃO DE ALUNOS KAYAPÓ NA ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA

Oyo Kayapó¹

Valdivan Leonardo dos Santos²

Regiane Botter³

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo identificar como é a vivência entre à etnia KAYAPÓ junto onde podemos observar a educação escolar repassada aos indígenas que foram inseridos na Escola Estadual Indígena A pesquisa esta embasada na interculturalidade da escola O professor indígena que atua na escola, onde os mesmos convivem diariamente junto a escola e a comunidade da aldeia Lança também a importância de uma educação intercultural onde a partir da convivência aprendem a se respeitar. Os professores atuantes na área da educação escolar indígenas da Escola Estadual relatam as dificuldades e o que aprendem diariamente com os alunos inseridos na escola em pesquisa.

Palavras-chave: KAIAPÓ.. Estudantes. Educação Escolar Indígena.

ABSTRATC

This work aims to identify how the experience between the KAYAPÓ ethnicity is, together where we can observe the school education passed on to the indigenous people who were inserted in the Indigenous State School The research is based on the interculturality of the school The indigenous teacher who works at the school, where they They live together daily with the school and the village community. It also emphasizes the importance of an intercultural education where, through coexistence, they learn to respect each other. Teachers working in the area of indigenous school education at the State School report the difficulties and what they learn daily with the students enrolled in the research school.

KEYWORDS: KAIAPO. students. Schooling

¹ Oyo Kayapó, Indígena Kayapó Formado em Pedagogia, ² Valdivan Leonardo dos Santos, Assistente Social, ³ Regiane Botter, Pedagoga e Socióloga

INTRODUÇÃO

. A problemática norteou essa pesquisa foi: Como ocorre a inclusão de alunos KAYAPÓ em uma escola do povo indígena.

A Hipótese anual desta pesquisa foi de que: os pais dos estudantes procuram por uma educação diferente para seus filhos, porque na maioria das aldeias onde tem escola não oferecem ensino de boa qualidade ou apenas oferecem o ensino básico onde para que os alunos não percam o ano escolar os pais manda-os para uma escola que é diferente de sua cultura. Para a inclusão dos alunos os professores usam muito dinâmicas e veem isso como forma de ajudar outras etnias que necessitam de seu serviço. Os indígenas KAYAPÓ moram em um alojamento que é na casa da professora aposentada Cícera Chagas da Silva, onde são bancados pela própria professora lá os mesmos ajudam nas tarefas domésticas e aprendem a cozinhar. Os estudantes gostam muito de jogar futebol esse é o momento em que mais se interagem junto a comunidade.

Para melhor compreensão do tema proposto além de pesquisa bibliográfica e documental, o procedimento de produção de dados basearam-se em conversas com os estudantes KAYAPÓ, a dona da casa onde os estudantes moram e os professores atuantes da escola em pesquisa.

A pesquisa teve como objetivo identificar as dificuldades vivenciadas pelos alunos quanto à interação dos mesmos em uma escola que tem uma cultura própria diferente da sua.

A sociedade Kayapó se considera parte integrante de um mundo circular e vêem o processo do universo e da vida como cíclico, os ciclos do tempo ecológico e estrutural que determinam e acompanham a vida e as atividades humanas. Os Kayapó, homens e mulheres desempenham suas atividades, independentes enquanto grupos, e especialmente separados. (SAMPAIO, TARDIVO, 2010, v.3 p.14)

KAYAPÓ

A partir do século XIX grupos vizinhos dos indígenas deram o nome de KAYAPO aos mebengokrê devido aos rituais, onde os índios usam uma máscara de macaco, e assim sendo o significado da palavra kayapó venha a ser “parecido com macaco”, já mebengokrê tem o significado de "os homens a partir do furo de água". O povo da etnia kayapo tem uma cultura que é coletiva e ao mesmo tempo separa os gêneros, as casas onde vivem são ocas e em eles crê muito no universo cíclico, os homens são responsáveis pela plantação e as mulheres pela colheita dos alimentos

A sociedade Kayapó se considera parte integrante de um mundo circular e vêem o processo do universo e da vida como cíclico, os ciclos do tempo ecológico e estrutural que determinam e acompanham a vida e as atividades humanas. Os Kayapó, homens e mulheres desempenham suas atividades, independentes enquanto grupos, e espacialmente separados. (SAMPAIO, TARDIVO, 2010, v.3 p.14)

Quando relacionado à pintura corporal os Mebengokrê (como gostam de serem chamados) usam muito a cor vermelha e a cor preta. A cor vermelha é retirada do urucuzeiro e a cor preta vem do fruto de jenipapo onde passa por um processo antes de ser utilizado como tinta. Os adornos utilizados pelos povos indígenas tem uma grande importância, devido aos significados simbólicos de cada um desses adereços.

Os adornos plumários não servem apenas para enfeitar o corpo, e o elemento plumário aplicado a outras superfícies, como armas, instrumentos, musicais, máscara, não podem ser vistos apenas como atributo meramente decorativo. São considerados verdadeiros códigos que transmitem, numa linguagem não verbal, mensagens sobre sexo, idade, filiação clânica, posição social, importância cerimonial, cargo político e grau de prestígio de seus portadores. (SAMPAIO, 2010 v.3 p.10)

A diversidade de rituais na cultura kayapo é muito grande e variam conforme a necessidade momentânea subdividindo-se em três partes que são: escolhas de nomes, ritos agrícolas, caça e pesca e passagem de algumas pessoas por mudanças de idades.

Tais cerimônias constituem atividades grupais cuja finalidade é socializar valores "selvagens" ou anti-sociais. É assim em relação à atribuição do nome, tema central da maior parte das cerimônias Kayapó; com efeito, os nomes pessoais são emprestados da natureza. São os xamãs que entram em contato com os espíritos naturais e aprendem com eles novos cantos e nomes. Esses nomes, ao lado dos cantos aos quais eles se referem, são elementos emprestados do mundo "natural", devendo, então, ser introduzidos na cultura no momento das grandes cerimônias de nomeação. (SAMPAIO, 2010 v.3 p.10)

A culinária kayapo até os dias atuais funciona de forma rústica, onde as mulheres preparam o alimento em fornos assando-os. Porém é muito comum ver alimentos industrializados e utensílios domésticos no lugar onde as mulheres preparam os alimentos "cozinha"

EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

A constituição de 1988 assegurou que os indígenas tivessem uma educação diferenciada defendendo para que o indígena não deixe de ser índio.

À Constituição que tratam da educação, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e o Plano Nacional de Educação, têm abordado o direito dos povos indígenas a uma educação diferenciada, pautada pelo uso das línguas indígenas, pela valorização dos conhecimentos e saberes milenares desses povos e pela formação dos próprios índios para atuarem como docentes em suas comunidades. Comparativamente a algumas décadas atrás, trata-se de uma verdadeira transformação em curso, que tem gerado novas práticas a partir do desenho de uma nova função social para a escola em terras indígenas. (GRUPIONI Luís, 2002, p.9)

Podemos dizer que educação escolar indígena teve em sua história três períodos, o período colonial, e os períodos antes e pós-constituição de 1988. A educação escolar indígena surgiu a partir da chegada dos europeus ao território brasileiro que buscaram na escolarização dos povos indígenas um meio de catequese e internatos para obter sucesso na exploração das terras de e de mão de obra local e até mesmo para facilitarem o diálogo.

A educação escolar indígena tem uma longa história, tão longa quanto é o contato entre índios e europeus. Desde sempre, a alfabetização e a educação escolar tiveram um papel importante nessas relações. Jesuítas se esmeravam na catequese dos índios, preparando gramáticas da língua do “gentio” e encerrando crianças em seminários; em seu rastro, diversas ordens religiosas católicas, como os salesianos e os capuchinhos, montaram suas escolas para alunos indígenas. (COHN, 2005, p.486)

Ordens religiosas como os freis capuchinhos e os salesianos buscaram por meio de gramáticas e na alfabetização através da catequização a salvação de si mesmo e a integração dos povos indígenas à civilização, na maioria das vezes os povos indígenas eram forçados a participarem de programas voltados para mudar sua cultura, levando a uma enorme perda cultural.

A educação escolar indígena só começa a obter o formato de escola diferenciada a partir da década de 1970, quando um grupo formado por pedagogos, linguistas e antropólogos buscaram por meio de reivindicações a criação de leis que buscassem o respaldo e a criação de educação de qualidade.

Se a educação escolar voltada para os índios é antiga, secular, a discussão sobre sua adequação às realidades indígenas toma forma a partir da década de 1970, quando especialistas em diversas áreas, especialmente antropólogos, linguistas e pedagogos, começam a assessorar na construção de projetos escolares alternativos em algumas escolas indígenas. (COHN, 2005, p.487)

Podemos dizer então que a partir de 1970, iniciam-se no Brasil debates para a criação do novo modelo de educação escolar indígena que passaria a ser diferenciada e teria como finalidade atender a demandas das comunidades indígenas bem como assegurar através de matérias específicas a preservação de sua cultura língua bem como suas tecnologias.

Mas isso só foi promulgado como lei em 1988 na nova constituição federal onde se criou artigos a fim de assegurar como lei a utilização por parte da unidade escolar indígena a língua materna, que ganhou, mas força na LDB de 1997 que criou em suas diretrizes dois artigos citados a seguir:

No Artigo 78 do Título VIII, que: O Sistema de Ensino da União, com a colaboração das agências federais de fomento à cultura e de assistência aos índios, desenvolverá programas integrados de ensino e pesquisa, para oferta de educação escolar bilíngue e intercultural aos povos indígenas, com os seguintes objetivos.

I - proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências;

II - garantir aos índios, suas comunidades e povos, o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não-índias. (LDB, 1997)

Com a criação dessas diretrizes as escolas indígenas passam a ser diferenciada, bilíngue e intercultural, porém essas devem ser adaptadas conforme a demanda de cada comunidade pois o Brasil possui uma pluralidade étnica cultural muito grande com cerca de 200 etnias diferentes que não possuem nem uma relação cultural e linguística.

A INSERÇÃO DOS ALUNOS KAYAPO NA ESCOLA

A inclusão de alunos da etnia kayapo é uma grande honra para o povo terena, pois os mesmos acreditam que a única diferença entre as etnias é a língua materna pois o sonho de alcançar algo a mais na vida escolar são os mesmos. Eles

participam das festas brincam juntos sempre respeitando o espaço do outro, a cultura e as crenças.

A diferença linguística não é, geralmente, impedimento para que os povos indígenas se relacionem e casem entre si, troquem coisas, façam festas ou tenham aula juntos. Esses sistemas multilíngües são um exemplo de que as pessoas podem viver lado a lado, em paz, sem terem que falar, todas, a mesma língua. (BRASIL, 2005, p.116)

O indígena ao se incluir em qualquer escola sendo diferente da sua cultura é muito difícil, mais se torna mais ameno quando é bem recepcionado, principalmente quando relacionado a uma cultura que ambos se respeitam por mais que seja diferente.

Esse contato, que deveria ser positivo e proporcionar troca de conhecimentos entre os alunos de diferentes etnias e também entre os educadores e seus alunos, criando um ambiente educacional propício para a crítica à história oficial e para o desenvolvimento de um diálogo produtivo, em geral acentua o preconceito e o distanciamento entre os indivíduos, fazendo com que a diferença não seja positiva e sim desagregadora. Isso acontece porque faltam elementos na escola não-indígena que proporcionem esse diálogo. As práticas pedagógicas em geral continuam acentuando o estereótipo criado sobre o indígena, fazendo-o parecer primitivo, selvagem e incapaz, e esse estereótipo é inclusive acentuado pela própria instituição de

ensino e seus educadores, que, não sabendo lidar com a diferença, negligenciam seus alunos índios, colocando-os em situação de inferioridade ante os outros alunos não-índios. (BARÃO Vanderlise, 2008, p.87)

Segundo Cavalcanti (1999, p.389) “o universo indígena no Brasil hoje é pequeno, porém, extremamente rico e diverso no que concerne aos aspectos sociolingüísticos, sociohistóricos e socioculturais” Cada povo, cada etnia, cada pessoa tem uma história ou algo a contar ninguém vive a mesma história, mitos, contos, cânticos em comum com o grupo de pessoas que habitam no mesmo lugar desde que nasceram, sendo assim a escola é interligada à cultura.

Usar o termo educação indígena significa deixar de lado o fato de que o índio tem um sistema próprio de educação, baseado na transmissão oral do saber coletivo e dos saberes de cada indivíduo. A educação que a sociedade envolvente tem oferecido para estas populações deveria lhe ser complementar e não substituta. O termo mais adequado é educação escolar para o indígena, pois assim não deixamos de aceitar que cada sociedade tem sua própria maneira de educar e fazer história. (BARÃO, 2008, p.84)

O povo KAYAPO tem uma cultura própria onde cada gênero tem sua função. Os mesmos sabem quais são e cada um executa-o com muita rigorosidade. Sendo assim cada gênero quando nascem sabem exatamente qual seu papel perante a sociedade vivente, as mulheres sempre muito submissas e os homens muito altos e confiantes.

A sociedade kayapó se considera parte integrante de um mundo circular e veem o processo do universo e da vida como cíclico, os ciclos do tempo ecológico e estrutural que determinam e acompanham a vida e as atividades humanas. Os Kayapó, homens e mulheres desempenham suas atividades, independentes enquanto grupos, e espacialmente separados. (SAMPAIO, TARDIVO, 2010, p.5)

A educação indígena é muito discutida pelo fato de ser uma educação diferenciada sendo assim são poucos indígenas que se formam infelizmente devido a algumas tradições os mesmos acabam acomodando e não levando os estudos pra frente.

Se a educação escolar voltada para os índios é antiga, secular, a discussão sobre sua adequação às realidades indígenas toma forma a partir da década de 1970, quando especialistas em diversas áreas, especialmente antropólogos, lingüistas e pedagogos, começam a assessorar na construção de projetos escolares alternativos em algumas escolas indígenas e os movimentos indígenas passam a reivindicar, mais amplamente, o reconhecimento de seus direitos, inclusive o de uma educação formal de qualidade. (COHN, 2005, p.488)

Pois bem sendo assim os indígenas independentemente da cultura tem por direito serem alfabetizados em sua língua materna. Mesmo que os indígenas kayapó tenham esse direito quando estão em uma aldeia que tem por finalidade a recuperação da língua esse direito passa despercebido por eles serem fluentes

nalíngua.

Entre inúmeros direitos assegurados aos povos originários previstos em documentos de organismos internacionais, os Estados passaram a prever, tácita ou expressamente, o direito ao uso das línguas maternas e dos processos próprios de aprendizagem, bem como o respeito, a valorização e a preservação de suas culturas. Dessa forma, passou a ser assegurada aos povos indígenas a prerrogativa de uma educação escolar intercultural, bilíngüe, específica e diferenciada. (MARFAN, 2002, p.20)

Para que cada povo se mantenha sempre bem informado saber ler e escrever é muito necessário. Antes de o aluno ir para a escola o mesmo já tem muitas informações, principalmente a do diálogo das palavras informais. Quando o mesmo é inserido a grade escolar ele passa a estudar a linguagem formal, onde o mesmo pode descobrir as sua história, mitos, cânticos em base de pesquisas desvendar mais expressões sobre sua cultura e até mesmo seus descendentes.

A capacidade de usar a linguagem se concretiza nas milhares de línguas utilizadas pelas sociedades humanas. E as escolas indígenas são o espaço onde algumas dessas diferentes línguas estão, hoje, presentes, ou poderão, no futuro, se encontrar. (BRASIL, 2005, p.113)

A escola para ter um êxito no conhecimento mais a fundo dos estudantes prioriza muito o conhecimento que os alunos trazem de casa, aquela história que seus pais, avós, tios e até mesmo primos contam. Essas histórias são usadas para recuperação da cultura muitas das vezes esquecida ou passadas despercebidas.

Enquanto geradora de novas informações, a escola indígena disponibiliza conhecimentos externos, dá-lhe significado e os disponibiliza para a utilização no cotidiano das comunidades. Mas, se por um lado traz para a sociedade as informações necessárias para enfrentar novas realidades, por outro exige que ela aprenda a lidar com um conhecimento estranho ao sistema tradicional. (BARÃO, 2008, p. 87)

Quando o professor vivência e sabe as histórias de vida do aluno é tudo mais simples ele pode criar várias metodologias em cima das memórias que os alunos conhecem imitando, dando um exemplo de algo que é parecido, quando a convivência é boa fica tudo mais simples para ambos, pois o aluno se sente mais avontade e confiante no professor.

HISTÓRIA, TRADIÇÕES CULTURAIS E ASPECTOS DA LÍNGUA

História do povo mebêngôkre kayapó. No mundo Mebêngôkre não havia outro povo, ou seja, kubẽ (estrangeiro ou homem branco), assim, “Antigamente, muito antigamente, não havia o kubẽ só Mebêngôkre. Com essa frase, os índios kayapó resumem a existência de um tempo no qual

eles desconheciam o branco, okubẽ. Existiam só eles índios”. (MANO, 2012, p. 137)

O contexto histórico do povo Mebêngôkre Kayapó relata que “Os índios Kayapó sofreram uma série de transformações em sua organização social e estrutura cultural nos quase quatrocentos anos de sua existênciaindependente.” (TURNER, 1992, p. 311).

Segundo Turner (1992) afirma que o nome “Kayapó” significa “como macaco” de origem tupi e o mesmo “Kayapó” dado o nome por si é “Mebêngôkre” que significa "gente do espaço dentro da, ou entre a, água". O nome kayapó foi criado por pesquisador que significa homem semelhante ao macaco, durante primeiro contato com grupo que dançam usando máscara de macaco, sendo assim, atualmente o povo kayapó tem sua festa e dança conhecido com o nome de “Kôkô”, durante a festa o kayapó usa as máscaras semelhantes aos macacos e tamanduás para realizar o ritual, que dará para o filho (a) o direito de usar o primeiro nome “Kôkô” após desta festa direcionado a família, o dono da festa tem permissão legal de chamar o primeiro nome de “Kôkô” e para completar o nome, acrescenta uma outra parte à palavra de acordo com o clã da família kayapó, alguns exemplos de nomes masculino e feminino: Kôkômati; Kôkôjamãrã; Kôkô'uk; Kôkômôrõ dentre outras. Basta observarmos o que diz Quaresma, Um dos rituais mais importantes é o de nomeação masculina e feminina, no qual os meninos recebem nomes Iniciados por Bep e Takak, e as meninas nomes iniciados por Bekwe, Ire, Nhiok, Payn e Koko.

Outros rituais importantes são o de iniciação masculina e o rito de passagem. (QUARESMA, 2012, p. 28.). 13 Segundo relato de um líder kayapó que “Nós Mēbêngôkre temos vários rituais de passar nome, o mais importante o Bemp, Tàkàk, Pãjte, Kôkô, Mēmy Bijôk, Mēnire Bijôk e esse aqui de hoje, esse aqui chama tradicional, são seis festas rituais tradicionais de passar nome.” (OLIVEIRA, 2017, p. 8).

Neste contexto de pesquisa historicamente o povo “Mebêngôkre-Kayapó” tem sua classificação de língua e no grupo, são dois principais troncos das línguas indígenas do Brasil, os “Tronco Macro-Jê e Tronco Tupi” e as famílias das línguas. As línguas são classificadas em famílias de acordo com critérios genéticos: se situam em uma mesma família de línguas para as quais há evidência científica de que derivam, por evolução a longo do tempo, de uma mesma língua no passado mais ou menos remoto, mantendo um determinado nível de afinidade em sua gramática e em seu léxico. Existem famílias que revelam uma afinidade genética mais distante no tempo e constituem uma unidade mais ampla, que chamamos troncos linguísticos. (RODRIGUES, 2013, p. 11). A classificação da família linguística o kayapó ficou conhecido como o kayapó setentrional e kayapó meridional. Assim os pesquisadores identificam grupos kayapó do Sul e os grupos kayapó do Norte do Brasil. “Os Kayapó são um entre vários grupos intimamente correlacionados do tronco linguístico Jê setentrional.” (TURNER, 1990).

Sendo assim outros grupos kayapó foram dividindo entres eles durante séculos, formando novos grupos e sub-grupos, alguns grupos kayapó foram extintos durante processo de formação e outros reconhecidos com outros nomes.

O nome "Kayapó" foi originariamente aplicado a um outro povo jê setentrional, os Kayapó meridionais, cuja língua está muito mais distante da dos Kayapó setentrionais, Apinayé, Suyá e Timbira do que essas últimas entre si. Os Kayapó meridionais, que habitaram o norte do Mato Grosso e atacaram expedições portuguesas naquela área nos séculos XVII e XVIII, eram considerados extintos no final do século XIX. (TURNER, 1992, p. 311)

Vários grupos foram totalmente extintos pelas expedições de portuguesas e outros grupos indígenas do Brasil durante esse século, "O "problema" Kayapó não foi resolvido por Antônio Pires de Campos, flechado mortalmente pelos próprios Kayapó em 1751" (GERALDIN, 1994, p. 57).

Assim, muitos acontecimentos foram registrados durante conflitos entre índios com índios, brancos com índios e muitos outros conflitos não registrados por ninguém.

FORMAÇÃO DOS GRUPOS MEBÊNGÔKRE KAYAPÓ APÓS ATRAVESSAR RIO ARAGUAIA.

E na versão tradicional Mebêngôkre aponta do Sul do Brasil, Após a derrubada de grande pé de milho a expedição começa com um grupo kayapó que foi parar na Região Sul do PARÁ. Segundo Krãnhkênh (2019) o mais velho contava que após da derrubada do pé de milho, que o grupo escolhe o rumo para viajar levando consigo o que pertence a cada família, pois aqui começa viagem para encontrar um lugar farta para o grupo fazer um nova aldeia, sem saber que ele encontraria pela frente, e essa jornada de grupo kayapó foram muitos anos de lugar em lugar sem aldeia permanente. A expedição durante essa viagem muito kayapó foram deixados para traz ou barrado pela a natureza como rio, montanha e fuga dos inimigos, assim que eles chagaram no Rio Araguaia e ficaram muito tempo ali, depois de trajeto da travessia do grupo kayapó para outro lado do rio e ficaram ali durante muitos tempos que até chegou o momento de formação, um mebêngête (velho índio) contava que existem 3 19 (três) principais grupos kayapó são: Gorotire kumrex, Irããmranh re e Djore, em cada grupos de kayapó tem suas histórias diferentes e também relato por kubem (homem branco ou estrangeiro) afirma que:

Isso ocorreu ao longo do rio Tocantins, provavelmente na área entre o Tocantins e o Araguaia ao norte da ilha Bananal. Pelo final do século XVI ou princípio do XVII os Kayapó já tinham se dividido em dois ou três subgrupos principais, dos quais pelo menos dois tinham se deslocado para o oeste, atravessando o Araguaia [...] do século XIX por vários exploradores, missionários e colonos. A essa altura havia talvez 4 mil Kayapó, constituindo três grandes comunidades de aproximadamente 1500 pessoas (os Pau d'Arco ou Irá a mrayre, os Gorotire e os Putkarôt), uma comunidade de quinhentas pessoas (os Kokorekre ou Djore) e possivelmente um outro grupo de tamanho.

Assim o povo Mebêngôkre Kayapó começa espalhar formando novo grupos para ocupar terra na margem do Rio Xingu, a separação de sub-grupo Gorotire Kumrêx começou na aldeia Pykatôti, a divisão do grupo vem formando novo nome e expandindo em outra região.

A separação entre o grupo de Motere da aldeia Pykatôti aconteceu por volta de 1905, e acabou tornando-se definitiva e fundamental para a posterior diferenciação dos subgrupos mēbêngôkre. O grupo de Motere, que se estabeleceu em Arerekre, é chamado Mēkragnetire, enquanto o grupo que ficou em Pykatôti, em posteriores, cisões deu origem dos subgrupos Gorotire, Kubêkrâkej, Kôkrajmôro e Kararaô atuais. (URUETA, 2014, p. 6).

UM BREVE HISTÓRICO DA LÍNGUA KAYAPÓ A PARTIR DOS ESTUDOS DE MISSIONÁRIO SE LINGUISTAS.

O registro da língua kayapó surgiu com vários missionários e pesquisadores linguistas que escreveram e publicaram seus livros, artigos e teses. Para estudos 21 históricos de línguas indígenas os pesquisadores fazem observações, comparações de dados antigos e buscam de evidências lexicais, assim sendo os resultados das pesquisas e as classificações das línguas tronco Macro-Jê. [...] construir uma hipótese de um tronco Macro-Jê, com constituição interna específica, aborda os principais estudos classificatórios que contribuíram progressivamente para o estabelecimento da família linguística Jê e para a hipótese de um tronco linguístico Macro-Jê.

Nesse estudo, elenca, por ordem temporal, as pesquisas que considerava significativas para a hipótese desse agrupamento genético-linguístico: Martius (1863; 1867), Von den Steinen (1886), Ehrenreich (1891), Brinton (1891), Rivet (1924), Schmidt (1926), Loukokta (1931; 1932; 1935; 1937; 1939; 1942; 1968), Guérios (1939), Mason (1950), Swadesh (1959), Davis (1966, 1968), Hamp (1969), Kaufman (1990, 1994), Rodrigues (1970; 1986; 1999), estes últimos correspondentes às suas primeiras publicações sobre o tronco- MacroJê (MARTINS et al, 2015, p. 103). As línguas guardam entre si origens comuns, integrando famílias linguísticas, que, por sua vez, podem fazer parte de divisões mais englobantes - os troncos linguísticos. Se as línguas não são isoladas, seus falantes tampouco. Há muitos povos e indivíduos indígenas que falam e entendem mais de uma língua; e, não raro, dentro de uma mesma aldeia fala-se várias línguas - fenômeno conhecido como multilinguismo. Assim vários pesquisadores e missionários vão há campos para estudar língua kayapó e comparar outras famílias linguísticas jê, e registrar para serem estudado.

Porém, kayapó existem diferentes dialetais que vários grupos Mebêngôkre kayapó originaram como decorrentes características da língua levando ao reconhecimento de que participam de uma cultura comum. Que a oratória é a prática social que definem como aquele indígena que falam bem, o discurso que kayapó falam num tom de voz como se alguém estivesse um golfe, diferenciando a tipo de oratória da fala comum. Assim vários pesquisadores escreveram sua forma de entender e registrarem a ser utilidade, mas cada regiões que vivem Mebêngôkre Kayapó tem sua forma e escrita para alfabetizar as crianças indígenas conforme os missionários ou pesquisadores passou e deixou a forma de alfabetização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na cultura Mebêngôkre Kayapó o ensinamento de algum conhecimento é em segredo, cabe o interesse do jovem kayapó procurar e adquirir o conhecimento do velho indígena que ele tem ou ao oferecer o saberes, mas não é fácil que o jovem querer e já começa aprender com velho, existem regras e trocas de algumas coisas, então, o jovem indígena precisa escolher um velho para aprender com ele, as vezes alguns velhos indígenas kayapó não queres repassar os seus conhecimentos para jovem, recusa a ensina para aquele jovem que tem a vontade de aprender como ele e algum jovem buscando melhor forma para agradar o velho que ele possa ensina para ele, assim, jovem passar três, quatros anos ou mais para aprender com ele. Assim nas aldeias aconteciam com os jovens kayapó que disputam e trabalham duro para conseguirem os conhecimentos para si.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

Dissertação (Mestrado). Instituto de Letras e Comunicação, Universidade do Pará. Belém.2012.

Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília. Brasília. 2017.

GIRALDIN, O. FAZENDO GUERRA; CRIANDO IMAGEN; ESTABELECENDO IDENTIDADES. A OCUPAÇÃO DO CENTRO-OESTE E OS CONFLITOS COM OS

GORDON, Cesar. Bem viver e propriedade: o problema da diferenciação entre os Xikrin-Mebêngôkre (Kayapó). Mana [online]. 2014, vol.20, n.1, pp.95-124. ISSN 0104-9313. <https://doi.org/10.1590/S0104-93132014000100004>.

JEFFERSON, K. Gramática Pedagógico Kayapó. Associação Internacional de Linguística, Anápolis-GO, 2013.

KAYAPÓ NO SÉCULO XVIII. 1994. 74 f. Dissertação (Mestrado). Antropologia Social de História, Universidade Estadual de Campinas. São Paulo. 1994.

MANO, M. Sobre as penas do gavião mítico: história e cultura entre os Kayapó. Tellus, Campinas-MG, n. 22, p. 133-154, jan./jun. 2012.

NIMUENDAJÚ, C. 104 mitos indígenas nunca publicados: A árvore do milho.

OLIVEIRA, E. S. A terra (vívda) em movimento: nomeação de lugares e a luta Mëtyktire-Mëbêngôkre (Kayapó). 2017. 123 f. Dissertação (Mestrado).

Revista do Patrimônio Histórico, v. 21, p. 82, 1986.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Línguas indígenas

QUAREAMA, J.P. ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS DO POVO INDÍGENA MBENGRÔKRE. 2012. 189 f.